

# “O Presidente já esteve na esquerda e mudou”

gem 0063

## Poder ficou mais dividido, diz ACM

Enquanto tucanos como Mário Covas sugerem que o presidente Fernando Henrique Cardoso amplie seu governo, abrindo caminhos à esquerda, um de seus principais aliados, o senador Antonio Carlos Magalhães pensa completamente diferente. Em entrevista ao *Jornal de Brasília*, o senador diz que o melhor é o Presidente buscar a harmonia entre os aliados de primeira hora para aprovar as reformas. Ele ironiza a proposta para que o Presidente leve seu governo mais para a esquerda. “O Presidente já esteve lá e mudou de caminho, voltar é mais difícil”. Nessa entrevista, Antonio Carlos Magalhães, que demonstrou irritação com as declarações de apoio do Presidente e de ministros do PSDB a candidatos tucanos, dá sua estocada. Diz que o PSDB cresceu em função do Governo federal, o que ele considera natural, mas diz que o Presidente nem sempre perde a plumagem tucana.

CRISTIANA LÔBO

Repórter do Jornal de Brasília



Sebastião Pedra

Agora que as disputas eleitorais foram encerradas, quem pode ser considerado o vencedor dessa eleição?

- Acho que o poder ficou mais dividido e isso é bom para o regime democrático. Não é correto dizer que alguns partidos aliados perderam, acho que todos foram vencedores na medida em que a oposição também não cresceu tanto. O PT perdeu uma eleição importante no Distrito Federal, mas ganhou outra tão importante quanto - que é a do Rio Grande do Sul. Então, a oposição cresceu no número de governadores, mas evidentemente que em 27 Estados este crescimento foi pequeno. De modo que houve equilí-

brio nas urnas e esse equilíbrio é muito bom para o País.

Por que?

- Porque quando se tem um poder dividido consequentemente todos têm responsabilidades junto ao Governo federal em relação à política nacional; assim como o Governo federal tem responsabilidades em relação a todos os estados. Isso é muito importante do ponto de vista democrático.

Essa co-responsabilidade é importante, também, do ponto de vista administrativo neste

momento de crise e de ajustes?

- Do ponto de vista administrativo, no momento em que o País precisa fazer reformas e ajustes, é óbvio que essas pessoas que vão governar, que vão ter responsabilidades, tam-

bém terão responsabilidades para com o País. Afinal, o País e alguns estados ficarão ingovernáveis na medida em que não tenhamos feito, por exemplo, o ajuste fiscal.

O senhor acha que a oposição, que agora terá governos

estaduais para administrar, poderá rever sua postura no Congresso e votar pontos do ajuste fiscal?

- Eu posso dizer que não tenho queixas pessoais quando me entendo no Congresso com o PT e com os partidos de esquerda. Todas as vezes em que presido o Congresso Nacional e há um entendimento, eles cumprem. De modo que eu não tenho queixa. Agora, eu acho que eles foram muito radicais em relação às reformas. Por força do tempo, eles já se modificaram um pouco e agora por força mesmo da administração dos estados em que venceram as eleições, eles vão ter de modifi-

car mais ainda, encontrando um meio termo que possa ser a negociação com o Governo.

A ponto de votar a favor das reformas?

- Votar sim algumas coisas do ajuste, por que não?

Do lado do Governo também houve pulverização do poder. Os partidos aliados disputaram entre si, uns ganharam aqui outros ali...

- Eu acho que o PMDB não perdeu como se costuma dizer. Porque ele tem o maior número de senadores nesta Casa, tem mais de 80 deputados, seis ou sete governadores estaduais. Então, não se pode achar que o PMDB perdeu. Essa avaliação é um pouco de vontade de diminuir a força do PMDB.

E o PSDB, na sua avaliação, cresceu de forma significativa?

- Não. O PSDB cresceu menos do que dizem. Mas de qualquer maneira eles cresceram e isso se deu em função do Governo federal. Isso é natural porque o

presidente da República é tucano e nem sempre tira essa plumagem.

Qual é o desafio do presidente Fernando Henrique para reunir os votos necessários na Câmara e no Senado para aprovar as reformas? É buscar votos na esquerda?

- Em primeiro lugar, o desafio é harmonizar as correntes que sempre o apoiaram e não ir na vontade de alguns correligionários que pensa que indo mais para a esquerda poderá o Governo ficar mais forte.

Então o senhor acha que a atual base de sustentação do Governo é suficiente para responder a essa necessidade do ajuste fiscal?

- Acho que um assunto dessa ordem, com as tramitações normais, embora vá precisar de muita pressa, exige que todos colaborem, inclusive a oposição. Até mesmo votando contra a oposição pode colaborar. Basta não impedir a tramitação.

O senhor acha, então, desnecessário que o Presidente caminhe para a esquerda a fim de conquistas novos apoios ao Governo e às reformas?

- Ele não vai caminhar para a esquerda até porque ele já esteve nela e caminhou para o outro lado. Voltar é mais difícil.

O resultado dessas eleições serve como uma sinalização dos partidos para a sucessão de 2002?

- Ainda é muito cedo. Entretanto, os que conhecem melhor o governador Covas acham que ele será candidato do PSDB. Aí é um problema interno do PSDB que já tem candidatos para 2002 e, agora, mais um

que é o governo Covas. O problema não é nosso.

E o PFL terá candidato próprio?

- O PFL não gosta de se precipitar para não ter de fazer modificações. O PFL vai observar todos esses fatos e deseja ter candidato próprio, se for possível. Se não for possível, irá compor.

O candidato é o senhor?

- Eu não.

O PMDB ficou desfalcado de candidatos para 2002 com a derrota de Antonio Britto no Rio Grande do Sul?

- O PMDB tem vários nomes importantes. Mas não vamos agora precipitar o que o precipitado não deve ser.

**Os partidos de esquerda foram muito radicais em relação às reformas"**